

# O Clarim da Alvorada: a imprensa negra e o processo de reconfiguração da identidade cultural nas décadas de 1920 e 1930 em São Paulo

ANTONIO ADAMI

Universidade Paulista

EDILSON CÂNDIDO DA SILVA

Universidade Paulista

## Resumo

O artigo tem como objetivo analisar a imprensa negra paulista, tendo o negro como sujeito histórico. A população negra nos anos 1920 e 1930 não tinha acesso ao voto, além disso, foi “empurrada” para os morros e periferias, sobrevivendo com a doutrina do racismo científico, somada a uma política de branqueamento. O jornal “O Clarim da Alvorada”, cuja primeira edição é de 06 de janeiro de 1924, é um exemplo de como a imprensa negra se posicionava diante desta sociedade racista. A base teórica integra a História da Imprensa e estudos de Cultura e Sociedade. O problema da pesquisa foi buscar entender como se deu a reconfiguração da identidade cultural do negro neste recorte. O método de pesquisa, portanto, tem por base um estudo de caso e a análise se justifica pelo fato de que O Clarim foi um dos mais importantes jornais da história da imprensa negra paulista e brasileira. Conclui-se que a cultura dentro das diferentes comunidades negras de São Paulo foi o grande elemento congregador da raça negra e, os espaços sociais (clubes, bailes, bares e ruas), se tornaram espaços culturais. É nessa lógica que temos o aparecimento de uma imprensa negra, particularmente jornais, que falava para e pelo negro.

**Palavras-chave:** Cultura; História da comunicação; Imprensa negra; Jornal O Clarim da Alvorada; Resistência.

## Abstract

The article aims to analyze the black press in São Paulo, having the black as a historical subject. The black population in the 1920s and 1930s did not have access to the vote, in addition, they were “pushed” to the hills and peripheries, surviving with the doctrine of scientific racism, added to a policy of whitening. The newspaper “O Clarim da Alvorada”, whose first edition is on January 6, 1924, is an example of how the black press positioned itself in the face of this racist society. The theoretical basis integrates the History of the Press and studies of Culture and Society. The research problem was to seek to understand how the reconfiguration of the black cultural identity took place in this clipping. The research method, therefore, is based on a case study and the analysis is justified by the fact that O Clarim was one of the most important newspapers in the history of the black press in São Paulo and Brazil. It is concluded that the culture within the different black communities of São Paulo was the great element that brought the black race together and the social spaces (clubs, balls, bars and streets) became cultural spaces. It is in this logic that we have the emergence of a black press, particularly newspapers, which spoke for and for the black.

**Keywords:** Culture; Communication History; Black press; O Clarim da Alvorada Newspaper; Resistance.

## 1. Introdução e estado da questão

O presente trabalho tem como tema a Imprensa negra no Brasil e o processo de reconfiguração da identidade cultural nas décadas de 1920 e 1930 pelo lócus enunciativo do negro. Os fatos históricos relativos a esse período podem ser vislumbrados no jornal “O Clarim da Alvorada”, entendendo que é pelo “olhar de baixo”, ou seja, de pessoas que não representavam à época o poder instituído, embora alguns poucos pudessem ser considerados uma elite intelectual, em função de uma formação educacional mais sólida. Assim, o objetivo da pesquisa é entender, no contexto de São Paulo e, por consequência, do Brasil, como a voz do negro é silenciada ou condicionada a meios de comunicação específicos, no caso, este próprio jornal que constitui o corpus dessa pesquisa. Neste jornal, a exemplo de outros do início do século XX, o negro buscava um espaço de autoafirmação e de voz social. Assim, o artigo tem por objetivo ainda buscar entender até que ponto a voz do negro no “O Clarim da Alvorada” representa um desvio da história oficial acerca da aceitação e do desmonte do sujeito negro, enquanto ser incapaz de gerir a sua própria cultura, seja ela vista em espaços sociais mais amplos, tais como clubes, igrejas e bailes, seja em espaços menores, como da família. Dessa maneira, os objetivos específicos que norteiam este artigo são: identificar no lócus enunciativo a voz do negro, confrontando-a com as vozes institucionalizadas; analisar no corpus de pesquisa as notícias relacionadas a uma fala de resgate cultural, social e político entre 1924 e 1940, época em que o jornal foi veiculado; analisar o discurso do negro e a forma como esse discurso (des)constrói a visão oficial, criando novos discursos voltados para a população negra de São Paulo.

“O Clarim da Alvorada” teve a primeira edição publicada em 06 de janeiro de 1924. No início, o jornal tinha o nome de O Clarim e somente mais tarde seria acrescido o termo “Alvorada”. Fundado por Jayme de Aguiar e José Correia Leite, o jornal circulava em São Paulo e em várias cidades do Brasil. Durante sua existência e de sua publicação ele foi apresentado em diversos formatos e com mudanças constantes em sua linha editorial, o que o transformou em um vetor importante na construção de uma consciência política e social na comunidade negra, como veremos adiante.

## 2. Metodologia

Quanto a metodologia de pesquisa ressalta-se que o entendimento é de que a pesquisa científica visa a produção de conhecimento novo, relevante de forma teórica e social. Entende-se aqui, de forma breve, ‘novo’, como conhecimento que preenche uma lacuna importante no saber histórico-midiático, particularmente disponível sobre a imprensa negra em São Paulo, pensa-se pois o método de trabalho dentro de um quadro teórico, condicionado por pressupostos epistemológicos, pois entende-se que o papel do pesquisador é o de “intérprete da realidade pesquisada”, segundo os instrumentos teórico-epistemológicos adotados. Nesta pesquisa, o método tem por base um estudo de caso e a análise se justifica pelo fato de que o jornal “O Clarim da Alvorada” foi um dos mais importantes jornais da história da imprensa negra paulista e brasileira, como escreve Balsalobre (2010, p. 24):

O segundo período da imprensa negra foi inaugurado com o surgimento, em São Paulo, da segunda fase do jornal O clarim d'alvorada, em 1928. Junto com seus idealizadores, Jayme de Aguiar e José Correia Leite, veio o ideal de união do povo negro, portanto, com um caráter muito mais combativo.

Nossa responsabilidade e também preocupação com a pesquisa é a veracidade das constatações, a partir da busca de respostas para nossas indagações sobre a imprensa negra paulista, tendo o negro como sujeito histórico. Para a pesquisa proposta, a reflexão teórica teve como base estudos no campo da história da imprensa negra e cultura e sociedade e, dada a natureza do objeto pesquisado, dos recursos materiais disponíveis e do nível de abrangência deste estudo, trabalhou-se com o método qualitativo, a partir de um fenômeno social, no sentido de aprofundar entendimentos sobre a imprensa negra paulistana. Foi importante adquirir informações a partir da leitura e análise dos números publicados dos jornais pois, dessa forma, o conhecimento ora produzido no campo em que está inserida a pesquisa seguiu os preceitos científicos, que resultaram no nosso modo de ver, em material relevante social e científico. Constatamos que a metodologia utilizada, com pesquisa em arquivos e centros de pesquisa, diálogos com pesquisadores, busca em jornais representativos de São Paulo, análise dos jornais que representavam a imprensa negra nos anos 1920, 1930 e 1940, contribuiu para o aprofundamento do entendimento sobre a imprensa negra e o próprio desenvolvimento da imprensa em São Paulo e no Brasil.

### 3. Discussão sobre o contexto histórico e a imprensa negra

Para que se entenda melhor o processo da imprensa negra, segundo Silva (s/d), desde os anos 1915 existiam publicações de jornais da comunidade negra no Brasil, com diferentes temas, mas pouco foco para as questões do negro e sua realidade social e política. Os principais jornais deste período que iniciaram estas discussões foram: *O Menelick* (1915), *O Xauter* (1916), *O Alfinete* (1918) e *O Getulino* (1923). Entretanto, O Clarim teve impacto forte, pois foi trabalhar com questões sociais dos negros. Inclusive, é a partir das atividades dos jornais da imprensa negra que surgiu o jornal fundado em 1933 *A Voz da Raça*, da Frente Negra Brasileira (FNB), Frente esta fundada em 1931. Trata-se de um jornal mais combativo o que levou ao fechamento Frente pelo Estado Novo, em 1937.

Nem tudo na FNB era em um clima de concordância, ao contrário, havia fortes embates internos e também com demais jornais, particularmente, com O Clarim que, em 1932, parou de ser publicado. Nesse ano foi lançado o jornal *Chibata*, que satirizava e criticava a FNB. O *Clarim* voltaria a circular em 1940, considerada então sua terceira fase. Na verdade, podemos analisar O Clarim, durante seu período de publicação, segundo Ferreira (2011, p. 1) em três fases: a primeira fase (1924-1927) teve o foco na abolição da escravatura, em lutas, ocorrências e em desdobramentos referentes à população negra. A segunda fase (1928-1933) tinha por objetivo criar uma identidade política voltada para a “questão racial” e em propor a mobilização do povo negro para conquistar a cidadania plena. A terceira fase (1934-1940) mantém o jornal como um campo de luta da população negra. Escreve Balsalobre (2010, p. 25):

Esse segundo período termina em 1937, com o início do Estado Novo e o fim da liberdade de imprensa. Os jornais da imprensa negra só voltam a ser produzidos em 1945, com a redemocratização da política nacional. Nesse terceiro período, portanto, a grande diferença dos anteriores se dá pela explicitação de temas políticos, com uma propaganda política declarada, tal como o apoio a candidaturas de políticos aliados. Fazem parte dessa fase, além dos periódicos que ressurgiram, os jornais *Mundo novo* (1950), *O novo horizonte* (1954), *Notícias de ébano* (Santos, 1937), *O mutirão* (1958), *Hífen* (Campinas) e *Níger* (1960), *Nosso jornal* (Piracicaba, 1961) e *Correio d'ébano* (Campinas, 1963).

Como forma de contextualização, no período de publicação do O Clarim, o Brasil estava imerso em discussões sobre direitos. A Constituição Brasileira, promulgada em 24 de fevereiro de 1891, garantia ao indivíduo a liberdade, a segurança e o direito à propriedade, mas não foi isso que ocorreu e estes direitos elementares não foram respeitados, por

exemplo, no plano político, negros, pardos e mulheres, eram segregacionados, ou seja, o direito ao voto era somente para homens alfabetizados, com mais de 21 anos, o que deixava de fora parcela considerável da população. Nesse sentido, é interessante observar o falso discurso propagado na imprensa internacional da época. Alguns jornais dos Estados Unidos, por exemplo, voltados para o público afro-americano, falavam que o Brasil era um paraíso racial, devido à intensa miscigenação entre brancos e negros. Na verdade, nunca foi bem assim, hoje mesmo, em pleno 2022, apesar do país se mostrar aberto do ponto de vista do racismo, o Brasil tem tido, ao contrário, uma postura racista e criminalizadora não somente com os negros, mas também com imigrantes pobres. Sobre isso escreve Damasceno (2022, p. A10) na Folha de S. Paulo:

A socióloga Vilma Reis escreveu que “a postura do Brasil em relação aos imigrantes negros é de repulsa, enquanto o sentimento dirigido aos europeus e americanos brancos que chegam ao país é de receptividade”. A afirmação foi feita enquanto ela refletia sobre o assassinato do congolês Moise Mugenyi Kabagambe, de 24 anos, espancado até a morte em um quiosque da Barra da Tijuca, zona oeste do Rio de Janeiro. Moise foi morto em 24 de janeiro de 2022. Câmeras de segurança mostram o congolês imobilizado e levando pauladas com um pedaço de madeira”.

Como escrevemos acima, muitos foram os jornais com um perfil mais combatente em torno da condição social do negro e, segundo a pesquisa *Imprensa Negra Paulista*, da USP (2022), além dos cinco jornais citados acima: *O Menelick* (1915), *O Xauter* (1916), *O Alfinete* (1918), *O Getulino* (1923) e *A Voz da Raça* (1919), citamos abaixo também: *A Liberdade* (1919), *A Rua* (1916), *A sentinela* (1920), *Alvorada* (1947), *Auriverde* (1928), *Chibata* (1932), *Correio D’Ebano* (1963), *Elite* (1924), *Evolução* (1933), *Hífen* (1960), *Mundo novo* (1950), *Niger* (1960), *Nosso Jornal* (1951), *Notícias de Ébano* (1957), *Novo Horizonte* (1946), *O Baluarte* (1904), *O Bandeirante* (1918), *O Estímulo* (1935), *O Mutirão* (1958), *Progresso* (1928), *Senzala* (1946), *Tribuna Negra* (1935). Alguns destes, de São Paulo, têm suas primeiras páginas expostas abaixo.



A Liberdade.

Linha editorial: crítico, literário e noticioso. Início: 14 de julho de 1919. Redator: Gastão Silva. Periodicidade: quinzenal (1919)/mensal (1920). Dimensões: 33x24 cm. Fonte: Site USP Imprensa Negra Paulista - Site: <http://biton.uspnet.usp.br/imprensanegra/>



A Rua

Linha editorial: literário, crítico e humorístico. Redatores: Domingos José Fernandes, Oliveira Paula. Início: janeiro de 1916. Periodicidade: semanal. Dimensões: 38x27 cm. Fonte: Site USP Imprensa Negra Paulista - Site: <http://biton.uspnet.usp.br/imprensanegra/>



A Sentinela.

Linha editorial: crítico, literário e noticioso. Redator: EA Balthazar, B. Lazaro. Início: 1º de outubro de 1920. Periodicidade: quinzenal. Dimensões: 33x22 cm. Fonte: Site USP Imprensa Negra Paulista - Site: <http://biton.uspnet.usp.br/imprensanegra/>



Auriverde.

Linha editorial: literário, humorístico, noticioso. Redator: Deocleciano Nascimento. Início: 1 de abril de 1928. Periodicidade: semanal. Dimensões: 38x27 cm. Fonte: Site USP Imprensa Negra Paulista - Site: <http://biton.uspnet.usp.br/imprensanegra/>



### A Voz da Raça.

Linha editorial: crítico, literário e noticioso. Início: 14 de julho de 1919. Redator: Gastão Silva. Periodicidade: quinzenal (1919)/ mensal (1920). Dimensões: 33×24 cm.

Fonte: Site USP Imprensa Negra Paulista - Site: <http://biton.uspnet.usp.br/impresnanegra/>

## 3.1 Na complexa cidade de São Paulo dos anos 1920-1930

Quando se discute a imprensa negra no Brasil, entre os anos 1920 e 1930, é imprescindível citar a cidade de São Paulo neste contexto. É nela que a economia, a política e a cultura pulsaram de forma rápida e dinâmica. A cidade nasceu em 1554, como um colégio jesuíta no planalto de Piratininga, hoje chamado de Pateo do Collegio. A localização foi escolhida porque era considerada um local seguro para que os padres jesuítas, tais como José de Anchieta e Manoel da Nóbrega pudessem catequizar os indígenas. Por muito tempo, era um simples vilarejo, considerado uma das regiões mais pobres do Brasil. Sua população era predominantemente mestiça e sobrevivia de uma economia de subsistência e saía em busca, pelo interior do Brasil, de riquezas minerais (ouro e pedras preciosas). A população também era composta por índios, fáceis de serem escravizados. A situação da cidade de São Paulo sofreu uma veloz mudança e de forma drástica no início do século XIX, com a independência do Brasil. Naquele momento se tornou a capital da província. Também se tornou sede de uma Academia de Direito, convertendo-se em importante núcleo de atividades intelectuais e políticas. Ocorreu ainda a abertura de uma Escola Normal, a impressão de jornais e livros e o incremento das atividades culturais.

No final do século XIX, a cidade cresceu muito e sofreu novamente grandes mudanças, com profundas transformações econômicas e sociais, em função da expansão da lavoura cafeeira, da construção da estrada de ferro Santos-Jundiaí (1867) e do afluxo de imigrantes europeus. Para se ter um panorama, observa-se que em 1895, a população de São Paulo era de 130 mil habitantes (dos quais 71 mil eram estrangeiros) e em 1900 era de 239.820. Nesse período, a área urbana se expandiu para além do que denomina-se hoje de Centro Velho. Surgiram as primeiras linhas de bondes, os reservatórios de água e a iluminação a gás. Sobre este momento, escrevem Santana, Lima e Araújo (2009, p. 4):

No final do século XIX, com o advento da República e seu ideal modernizante, os grandes centros brasileiros passaram por uma grande modificação em seus aspectos urbanos e culturais. As cidades tinham que se adequar aos moldes das capitais européias, ideais de civilização almeçados pelos positivistas que estavam no governo. Essa ânsia da busca pelo progresso suscitará na tentativa de adequação da população estrangeira à nossa sociedade, com o objetivo do branqueamento da população brasileira, idéia vigente no período, que por base da diluição do fator negro presente em nossa população se conquistaria o caráter civilizado das sociedades européias. Esse projeto de branqueamento culminará na busca de populações imigrantes que se misturem com a nacional, procurando alcançar a tão almejada sociedade moderna no Brasil.

Mas todo este progresso não criou uma sociedade chamada “civilizada”. Apesar de certa miscigenação a sociedade branca brasileira, continuou sendo extremamente racista. Sobre a cidade e a vinda de imigrantes, escrevem Santana, Lima e Araújo (2009, p. 4):

Esse branqueamento implicará nos projetos de incentivos da vinda de imigrantes italianos ao Brasil, principalmente na cidade de São Paulo, onde serão direcionados em primeiro momento para o trabalho nas lavouras, carente de mão-de-obra devido a Abolição da Escravatura e outras leis antiescravistas, onde se estabelecerão por um curto período de tempo, migrando depois para a capital, em busca de melhores condições de vida. Esse “êxodo” da população rural não acontecerá apenas por parte dos imigrantes, também se levará em conta a grande massa de ex-escravos e indígena, mestiços, em suma, da população nacional, em sua maioria ex-escrava, que com a implantação das idéias oriundas da Europa, fortemente influenciadas pela Revolução Técnico-Científica, buscará melhor condição de vida e uma forma de subsistir, pois sem o apoio dos antigos patrões, esses nacionais teriam que conseguir seu espaço na sociedade da época.

Deste dinamismo e efervescência é que temos a imprensa. Os jornais passaram a ter circulação diária para atender à vida frenética e eram vinculados a diversos grupos e interesses. Nesse contexto é que a imprensa negra vai se firmando como uma voz, como um



resgate do que é ser negro e o que é pertencer à raça negra. É a luta contra a lógica do racismo, norteadada pelo discurso do homem branco, de ascendência europeia. Nessa configuração, há obstáculos a serem transpostos, na medida em que caracterizar raça torna-se bastante difícil, pois a raça não se constrói como categoria biológica ou genética que possua validade científica, sua construção sempre se dará pelo viés do discurso. Hall (2015, p. 37) escreve:

É uma categoria discursiva e não uma categoria biológica. Isto é, ela é categoria organizadora daquelas formas de falar, daqueles sistemas de representação e práticas sociais (discursos) que utilizam um conjunto frouxo, frequentemente pouco específico, de diferenças em termos de características físicas [...] como marcas simbólicas, a fim de diferenciar socialmente um grupo de outro.

A discussão sobre racismo chegou às casas, aos clubes, associações, cooperativas, bailes e outros espaços frequentados por negros. Os jornais tornaram-se o caminho para esse processo sem volta. Eles colocaram o negro como agente, um sujeito que pode consumir e produzir cultura e isso constrói gradativamente um repertório cultural capaz de derrubar barreiras sociais.

#### **4. Uma voz: panorama histórico-social na criação do Clarim da Alvorada**

“O Clarim da Alvorada” nasceu a partir da paixão de dois jornalistas em dar voz à população negra, saída da condição de escrava e que ainda encontrava dificuldade em se inserir na sociedade, em ter seus direitos garantidos enquanto cidadão, cidadania esta que encontrava diversos obstáculos, a começar pela condição em se ver enquanto negro, preto ou homem de cor. São diversos jornais que estão surgindo, procurando dar voz a esse sujeito, mas muitos ainda persistiam em colocá-lo como subalterno, folclórico, cômico e malandro.

O Clarim da Alvorada, assim como outros jornais, se preocupava principalmente em lutar pela cidadania dos antigos grupos abolicionistas, dando continuidade a antigas entidades e publicações que funcionavam no período final da escravidão. Para entender a formação da imprensa negra, Ferrara (1986) analisa algumas das peculiaridades da população negra paulista do início do século XX, a partir da conceituação de grupo

minoritário. Assim, a partir dessas reflexões percebe-se que a formação da imprensa negra se deu pela necessidade de noticiar reivindicações por melhores condições de vida.

Havia neste percurso alguns negros que já tinham uma melhor condição de vida, eram funcionários públicos de baixo escalão, motoristas particulares, cozinheiros, etc. No caso dos jornalistas negros do Clarim e de outros jornais, eles constituíam uma pequena ‘elite’, uma vez que nas primeiras décadas do século XX, a maioria da população era analfabeta, inclusive, muitos brancos. Na verdade, os negros que compunham essa elite sofriam um processo de “aburguesamento”, por defenderem avanços culturais e materiais para a comunidade negra, sobretudo por meio do incentivo à educação e adequação desses negros aos valores da sociedade majoritária paulista.

A elite branca brasileira engendrada em um rigor científico ocidental cristão, sempre achou por bem categorizar e/ou classificar cultura, partindo de estudos de cientistas ingleses do século XIX, chegando ao antropólogo norte americano Lewis Henry Morgan, que publicou em 1878, o livro *A sociedade antiga*, onde classificou os grupos humanos em: civilizados, bárbaros e selvagens. Aparecem ali conceitos que, de certa forma, permeiam até hoje a mentalidade coletiva. Uma outra cultura emana das manifestações populares, do homem iletrado, rústico, cultura popular. É dentro dessa discussão que Bosi (1992) procura desconstruir esses conceitos, até para que se possa entender as variáveis culturais que de certa forma adentram a cultura de massa. O próprio sentido de cultura. Tratar de cultura corresponde a falar de um conjunto de hábitos, crenças e conhecimentos de um povo ou um determinado grupo artístico-literário, cinematográfico, radiofônico etc., que cultiva interesses estéticos semelhantes. Napolitano (2001), tratando de cultura brasileira escreve:

O nosso olhar sobre a cultura não é algo chato e inerte, entendida apenas através de conceitos teóricos, pois isso pode isolar a cultura de uma realidade social mais ampla. Optamos então por uma perspectiva que procura enfatizar a cultura brasileira como viva, dinâmica, fugidia e inserida na realidade de todos nós, cidadãos à procura de uma identidade. Algo impossível de ser classificado fria e objetivamente na medida em que é o caleidoscópio do país, em si mesmo, contraditório, dinâmico e plural (...).

A partir da abolição dos escravos, em 13 de maio de 1888, surgiram inúmeras associações culturais e festivas que reuniam os afro-brasileiros com mesmos interesses. Essas associações promoviam bailes, frequentados por uma certa ‘elite’ da comunidade negra que, segundo depoimento de José Correia Leite (1992), militante negro e um dos

fundadores do jornal “O Clarim da Alvorada”, essas associações eram compostas por pessoas que trabalhavam na casa de brancos bem de vida, muitos eram funcionários de luxo. Exerciam várias funções: chofer, funcionário público, etc.. Era justamente nesses bailes que havia maior circulação dos jornais da imprensa negra e, como poucos pagavam por eles, os periódicos acabavam sendo distribuídos gratuitamente. Leite revela ainda que grande parte dos jornais tinha vida curta ou periodicidade inconstante, por serem os próprios editores que bancavam os custos da impressão. O trabalho desses editores era em razão da luta por um ideal, por acreditarem na imprensa como um meio legal para tentar melhorar a vida de seus iguais. Segundo Leite (1992, p. 74), naquele tempo o negro ainda pensava em ideais. Em termos gerais, Ferrara (1986, p. 199) caracteriza o advento da imprensa negra como uma ferramenta, utilizada por parte da comunidade negra, para promover a inserção social:

Neste período, o negro tenta sua integração à sociedade brasileira; para tanto procura identificar-se com a sociedade dominante, assimilando ou copiando valores brancos, pressupondo a união do grupo negro e o desenvolvimento da solidariedade, através de apelos, o que levará a uma coesão do grupo negro, sendo a imprensa o veículo para essa integração.

## **5. O Clarim da Alvorada: da igualdade à diferença**

Ao tratar da criação da imprensa negra paulista em fins do séc. XIX e início do séc. XX, é impossível não falar do O Clarim, tamanha foi a sua importância. A evolução da imprensa negra deve muito a esse jornal e aos abnegados pioneiros. Jayme de Aguiar afirma, a partir de um depoimento feito a Clóvis Moura, em 15 de junho de 1975:

Os negros tinham jornais das sociedades dançantes e esses jornais das sociedades dançantes só tratavam dos seus bailes, dos seus associados, os disse-que-disse, as críticas adequadas como faziam os jornais dos brancos que existiam naquela época: jornal das costureiras, jornal das moças que trabalhavam nas fábricas etc. O negro ficava de lado, porque ele não tinha meios de comunicação. Então esse meio de comunicação foi efetivado através dos jornais negros da época. Moura (2002, p. 07)

O Clarim apareceu em diversos formatos. A firmeza com que a linha editorial se sustentava transformou-o em um meio vital na construção de uma consciência política e social na comunidade negra. Criado para ser um jornal literário, tornou-se arma de luta contra a situação do negro na sociedade brasileira. Desde que surgiu, o jornal teve diferentes formatos, mudanças visíveis na linha editorial.

Nas primeiras edições, o jornal se posicionava como órgão literário, noticioso e humorístico e os jornalistas usavam pseudônimos, tais como Maria Rosa, Moysés Cintra, Jin de Araguay e Leite (Jayme de Aguiar). Era uma forma de colocarem suas ideias, indignações e indagações sem sofrer retaliações. Nas edições posteriores à primeira fase, acrescenta-se órgão literário e noticioso pelos interesses dos homens de cor, de São Paulo. A utilização de pseudônimos passa a dar abertura para o uso dos nomes verdadeiros. Já não se escondem, tornando o discurso mais direto. O jornal teve três fases: a primeira, que foi de 6 de janeiro 1924 a 6 de outubro de 1927 e compreende um conjunto de 31 números; a segunda, de 5 de fevereiro de 1928 até o ano de 1933, contém 26 exemplares. Em 1933, após desavença com militantes da Frente Negra Brasileira, “O Clarim d' Alvorada” é extinto, só voltando a existir em 1940, data de início de sua terceira fase. Sobre isso, escreve Ferreira (2011, p.1-2):

Para nossa pesquisa, interessa-nos somente os números da segunda fase, iniciada em cinco de fevereiro de 1928, pois foi naquele momento que Correia Leite assumiu a liderança do tabloide com o posto de “redator responsável” e, segundo nossa análise, o jornal passou a apresentar uma identidade política voltada para a “questão racial” mais assertiva, propondo inúmeras atividades e reflexões que passavam pela questão do reconhecimento do papel do grupo negro na história do país, especialmente na cidade de São Paulo, além de tentar mobilizar este mesmo grupo para questões voltadas à conquista da cidadania plena, não apenas jurídica.

Os jornalistas que custeavam o jornal não dispunham de pouco capital e o grupo responsável custeava suas tiragens que variavam de 1000 a 2000 exemplares/mês. Analisando as edições percebemos que as matérias não estavam ordenadas. Ao que parece, a preocupação dos redatores era de ocupar todos os espaços do jornal. Os anúncios eram colocados na última página e era uma das maneiras de adquirir recursos.

Uma questão que diferencia o Clarim é que já nasce deixando claro que seria um jornal combativo, que envolveria os negros na busca de um espaço onde se pudesse ser considerado realmente cidadão. Um espaço em que os debates pudessem fazer sentido quando se falava em princípios de solidariedade, liberdade e personalidade ativa dentro de um projeto social. Quando se vê que qualquer conquista não veio de cunho meramente individual, mas sim da luta do coletivo.

## **6. Resultados e ampliação da discussão: o espaço circular - assim nasce a socialização e o resgate da cultura**

“O Clarim da Alvorada” chegava em vários nos espaços, inclusive, em “guetos”, que eram espaços segregados onde o negro podia circular sem ser incomodado. Espaços construídos para que houvesse a separação nítida do que pode e do que não pode. Havia um policiamento, uma vigia do espaço bancada pela elite econômica e política que via o pobre como inimigo, assim o humilde vivia a sua própria sorte. Nesse espaço conviviam os vários Brasis, as várias culturas, as várias histórias. Percebemos que pouco mudou nestes 100 anos, apenas recrudesciu.

O Clarim foi um jornal de viés negro, dirigido por e para negros, tratava-se de um mecanismo de socialização e servia também como objeto para a educação, pois os modelos eram para os brancos. Este viés, aliás, até hoje se debate: uma educação que considera todos os grupos sociais ou apenas para alguns grupos. Havia e perdura até hoje a necessidade de resgatar o que é ser negro no Brasil. O Clarim buscava um direcionamento para uma massa negra, pois havia ecos dessa “Cidade Negra” que não apareciam, ou seja, seus bairros, ruas, avenidas, ruelas e becos eram ignorados pela própria cidade e sua elite. Na verdade, há um emaranhado de culturas e grupos negros que se relacionavam. “O Clarim da Alvorada” irá trazer para os negros leitores e não leitores, letrados e iletrados, cultos e incultos, a possibilidade de ver-se a si próprio, do prazer em ser representado, de perceber que é possível fazer mudanças, não a partir da ótica e das brechas deixadas pelo branco, mas de sua inserção, na não aceitação da subserviência. Roger Chartier (1990) traz uma contribuição importante para a História Cultural, quando escreve que o jornal, como exemplo de cultura escrita, irá permitir que indivíduos não letrados passem a participar da cultura letrada, através de diferentes práticas culturais (leitura coletiva, por exemplo).

A leitura compartilhada, socializada pelo jornal, é capaz de unir, de levar a uma reflexão. As famílias passam a ser foco de interesse, de união, de identificação, de diálogos, de resgate de memórias. O leitor não é passivo e a atividade de leitura não significa a transposição literal de conteúdos, mas uma forma clara de entendimento de uma realidade que se mostra dura, impessoal, preconceituosa, violenta e marginal. Os diversos grupos negros, passaram a ter na leitura de jornais um espaço de coletivização e do resgate da identidade cultural.

## 7. Conclusões

Ao término desse artigo, constata-se que pensar o negro como sujeito histórico é de suma importância, na medida em que só dando voz a ele é que o pertencimento poderá ser contemplado no sentido lato do termo. Constata-se também que a partir do resgate da negritude e/ou africanidade, é que se constrói uma sociedade mais justa e não racista. A educação e a organização social podem transformar a sociedade. Concluímos que a cultura dentro das diferentes comunidades negras de São Paulo foi o grande elemento congregador da raça negra. Os espaços sociais (clubes, bailes, bares e ruas) se tornaram espaços culturais e é nessa lógica que temos o aparecimento de uma imprensa negra, particularmente, nos jornais, que falará para e pelo negro. “O Clarim da Alvorada” é um exemplo, pois os editores consideraram que todo o corpo profissional do jornal seria negro, inclusive, os distribuidores. Não se tratava de uma questão contrária ou não ao racismo, mas havia uma necessidade naquele momento, entre os anos de 1920 e 1930, de garantir voz real a um grupo marginalizado.

Para terminar não podemos deixar de colocar que o ponto inicial para se falar de uma imprensa negra, particularmente, no caso do jornal “O Clarim da Alvorada”, e se falar da ascensão de uma “cultura negra”, só foi possível quando isso foi atrelado a ideia de uma “raça negra”.

Há muito o que se estudar sobre imprensa negra no Brasil, atrelada à questão cultural e ao mesmo tempo, resgate de uma memória, e isso é parte do caminho no sentido de buscarmos construir uma sociedade minimamente mais respeitosa, acolhedora e com práticas cidadãs.

## Referências bibliográficas

BALSALOBRE, Sabrina Rodrigues Garcia. Panorama sócio-histórico da imprensa paulista. **In: Cultura Acadêmica**. São Paulo: Editora da UNESP, 2010.

BARONE, Ana Cláudia Castilho; SOTERO, Edilza Correia. **Imprensa negra paulista**. São Paulo: USP, 2022. Site: <http://biton.uspnet.usp.br/imprensanegra/>. Acesso em agosto de 2022.

BOSI, Alfredo. **Dialética da Colonização**. 1º ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

BASTIDE, Roger. **A Imprensa Negra no estado de São Paulo**. Estudos Afro-Brasileiros, São Paulo: Editora Perspectiva, 1986.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural – entre práticas e representações**. Lisboa: DIFEL, 1990.

DAMASCENO, Victoria. Brasil tem repulsa de imigrantes negros, mas é receptivo a europeus. **In: Jornal Folha de S. Paulo** (07-02-2022), p. A10.

DE CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.

FERRARA, Mirian Nicolau. **A imprensa negra paulista 1915-1963**. Dissertação (Mestrado em Antropologia), Universidade de São Paulo, São Paulo, 1981.

FERREIRA, Maria Cláudia Cardoso. Pelo interesse dos Homens Pretos, Noticioso, Literário e de Combate. O jornal O Clarim d' Alvorada no pós-abolição (1924-1932). **In: XXVI ANPUH**. São Paulo: USP, 2011.

GARCIA, Marinalda. **Os arcanos da cidadania: A Imprensa Negra paulistana nos primórdios do século XX**. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 1997.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.

LEITE, José Correia. ...**E disse o velho militante José Correia Leite**. Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo, São Paulo, 1992.

MOURA, Clóvis; FERRARA, Miriam. Imprensa Negra – Estudo Crítico. **In: Imprensa Oficial/Sindicato dos Jornalistas no Estado de São Paulo**. São Paulo: IOESP, 2002.

MORGAN, Lewis Henry. **The Ancient society or Researches in the lines of human progress from savagery through barbarism to civilization**. New York: Henry Holt and Company, 1878.

NAPOLITANO, Marcos. **Cultura brasileira – utopia e massificação**. São Paulo: Contexto, 2001.

SANTANA, Ana Carolina da Silva; LIMA, Andressa Adna de; ARAÚJO, Felipe Tavares de. Paulicéia silenciada: considerações sobre São Paulo e pobreza da transição do século XIX para o XX. **In: Humanidades**. Rio Grande do Norte: CCHLA UFRN, 2009.

SILVA, Vânia. A imprensa negra nos anos 1930. **In: Memória da imprensa – A imprensa que fez história, presente no Arquivo Público do Estado de São Paulo**. São Paulo: Arquivo Público do Estado de São Paulo, s/d. Site: [http://www.arquivoestado.sp.gov.br/memoria\\_imprensa/edicao\\_06/secao\\_social.php](http://www.arquivoestado.sp.gov.br/memoria_imprensa/edicao_06/secao_social.php)  
Consulta realizada em janeiro de 2022.

SOUZA. Jessé. **Elite do Atraso: da Escravidão a Bolsonaro**. Rio de Janeiro. Ed. Brasil, 2019.